

Dossiê

**Formação e ensino de História da Psicologia
em países ibero-americanos****A formação em história da psicologia na Universidade Federal de Alagoas: limites e possibilidades para um ensino orientado para uma perspectiva crítica****Training in the history of psychology at the Federal University of Alagoas:
limits and possibilities for teaching oriented towards a critical perspective****Frederico Alves Costa** <https://orcid.org/0000-0001-9150-8675>Universidade Federal de Alagoas
Brasil**Resumo**

O objetivo deste artigo é descrever a formação em história da psicologia em um curso de graduação em Psicologia considerando ementas, bibliografias recomendadas e planos de ensino referentes a disciplinas relacionadas diretamente à história da psicologia. Por meio da experiência docente e da discussão de quatro Projetos Político-Pedagógicos do Curso (PPC) de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, publicados em 1998, 2006, 2013 e 2023, refletimos sobre limites e possibilidades de modos de se abordar a história da psicologia na graduação. Entendemos que a mudança ocorrida no PPC publicado em 2023, instituindo a disciplina História da Psicologia e a perspectiva da história social da psicologia como orientadora do ensino, diferentemente de uma formação baseada na apresentação de “escolas” e “sistemas teóricos” proposta nos outros PPC, contribui para uma formação crítica e para a ampliação do interesse das e dos estudantes pela história da psicologia.

Palavras-chaves: história da psicologia; ensino; história social da psicologia.**Abstract**

The aim of this paper is to describe the formation in history of psychology in an undergraduate Psychology course considering syllabi, recommended bibliographies and teaching plans referring to disciplines directly related to the history of psychology. Through teaching experience and the discussion of four Political-Pedagogical Projects of the Psychology Course (PPC) at the Federal University of Alagoas, published in 1998, 2006, 2013 and 2023, we reflect on the limits and possibilities of ways of approaching the history of psychology at undergraduate level. We argue that the change that occurred in 2023, establishing the History of Psychology discipline and the perspective of the social history of psychology as a teaching guide, unlike training based on the presentation of “schools” and “theoretical systems” proposed in other PPCs, contributes to critical formation and to expanding interest of students in the history of psychology.

Keywords: history of psychology; teaching; social history of psychology.

Neste artigo, abordo minha experiência docente nas disciplinas Teorias e Sistemas Psicológicos I (TSPI) e História¹ da Psicologia (HP) no curso de graduação em psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e quatro Projetos Político-Pedagógicos do Curso (PPC) publicados entre 1998 e 2023. Apresento reflexões sobre: a) os modos como as ementas e bibliografias das disciplinas relacionadas diretamente à história da psicologia foram delimitadas nos PPC; b) os limites e as possibilidades de se abordar a história da psicologia nos planos de ensino das disciplinas TSP I e HP, que integram, respectivamente, os PPC 2013 e 2023; c) a importância de o ensino de história da psicologia orientar-se para uma formação crítica a respeito dos modos de produção de conhecimento.

Como a orientação do ensino da história da psicologia para uma formação crítica é transversal à discussão apresentada neste artigo, delineio inicialmente alguns aportes teóricos por meio dos quais a concebo. Entendo como formação crítica aquela que fomenta “desfazer museus”, como diriam Portugal et al. (2018). Ou seja, que contesta fatos consumados, reconhecendo o caráter histórico da história. Fundamento essa discussão na perspectiva da história social da psicologia (Portugal et al., 2018), interpelando dicotomias como internalismo e externalismo, teoria e prática, centro e periferia.

Em convergência com essa abordagem, concebo que uma formação crítica pressupõe a desconstrução de ideologias. Entendo esse processo não no sentido de desvelamento de um fundamento último da história. E sim, por meio de uma perspectiva pós-estruturalista, que concebe que toda construção de sentido é penetrada pela historicidade e pela contingência, sendo os fundamentos que organizam a compreensão da realidade sempre fundamentos precários. A desconstrução da ideologia consiste, sob essa concepção, no reconhecimento da contingência e da precariedade como constitutivas da ordem social (Laclau, 2014a, 2014b).

Em conjunto com esses aportes teóricos, ressalto o que Neves e Nogueira (2005) denominam por metodologias feministas. Com isso, alinho-me com um modo de formação acadêmica e de produção de conhecimento científico caracterizados pela reflexividade (Neves & Nogueira, 2005) sobre as relações de dominação historicamente legitimadas, inclusive, pelo discurso da ciência.

Historicidade, contingência, precariedade e indagação permanente sobre as relações de dominação são bases do que nomeio por formação crítica nesse artigo. O ensino da história da psicologia pode contribuir para essa formação nos cursos de psicologia por meio da problematização dos discursos e práticas construídas pela área.

Entretanto, em quase uma década de experiência docente na disciplina TSP I, no curso de psicologia da UFAL, observei questionamentos, às vezes nas entre-

¹ Ao longo do texto utilizarei História com “H” maiúsculo para remeter-me à disciplina lecionada no curso e para enfatizar à crítica à ideia de uma História Universal da Psicologia. Para os outros casos, usarei história com “h” minúsculo.

linhas, às vezes de maneira explícita, que podiam apontar para uma vontade de compreensão sobre a importância do estudo da história da psicologia, mas eram, sobretudo, demonstrações de desinteresse em estudar esta história. Emergiram perguntas como: Para que estudar algo que foi debatido há um, dois, três séculos atrás? Que importância isso terá para meu fazer em psicologia? Quando vamos começar a discutir psicologia?

Perguntas como essas também são abordadas na literatura que tem problematizado o ensino da história da psicologia em outras universidades no nível da graduação e da pós-graduação (Flores et al., 2020; Loureiro & Baptista, 2007; Miranda et al., 2024). Flores et al. (2020) apontam que a história da psicologia pode ser compreendida como desinteressante pelos estudantes e mesmo pela administração dos cursos em razão de ser concebida como não tendo utilidade prática ou como uma disciplina que trata de teorias e práticas profissionais defasadas em relação ao tempo presente. De acordo com Loureiro e Baptista (2007), estudantes da disciplina de História da Psicologia em um curso de mestrado, em São Paulo: a) ansiavam por conteúdos imediatamente aplicáveis aos temas das dissertações; b) e/ou por conteúdos orientados para a confecção da dissertação ou do trabalho da disciplina; c) concebiam a história como um campo que aborda questões distantes da atualidade. Miranda et al. (2024) indicam que a não aderência de estudantes às disciplinas de história da psicologia tem sido explicada na literatura também por uma ausência de identificação deles com a história, ao comprehendê-la simplesmente como um conjunto de nomes e acontecimentos de outras pessoas.

Entendo que aquelas perguntas e a presença de discussões na literatura sobre o desinteresse ou não aderência de estudantes ao estudo da história da psicologia indicam a necessidade de reflexão sobre a formação nesse campo nos cursos de graduação em psicologia. Importante considerar que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) da Psicologia, instituída por meio da Resolução CNE/CES Nº 1, de 11 de outubro de 2023, assim como a DCN anterior, sinalizam para a importância do debate sobre a história da psicologia na formação em graduação em psicologia. Isso pode ser observado: a) no artigo 5º das DCN (2023), que apresenta os fundamentos epistemológicos e históricos como um dos eixos estruturantes do curso de graduação. Este eixo visa permitir “ao estudante o conhecimento e análise crítica das bases epistemológicas do saber psicológico”; b) no artigo 8º, por meio da compreensão da “ciência como modo de construção de interpretações da realidade”; e da afirmação de que uma das competências básicas do núcleo comum da formação em Psicologia é desenvolver nos estudantes a capacidade de “identificar a limitação dos modelos científicos e a historicidade das interpretações”.

Projetos político pedagógicos e os caminhos para a reflexão sobre a história da psicologia

O curso de graduação em Psicologia da UFAL foi criado em 1994 e, ao menos desde o PPC publicado em 1998, a discussão sobre a história da psicologia faz-se presente de maneira obrigatória. Em 1998, o curso ainda era vinculado administrativamente ao Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFAL. O ensino de história da psicologia ocorria por meio das disciplinas Teorias e Sistemas Psicológicos I (TSP I) e Teorias e Sistemas Psicológicos II (TSP II), cada uma com carga horária de 80 horas. Essas duas disciplinas integravam a área de estudo “Fundamentos Sócio-Histórico-Culturais e Psicologia”, juntamente com as matérias: Sociologia, Psicologia Social I, Psicologia Social II. A ementa da disciplina TSP I era: “Estudo das teorias cognitivas da aprendizagem e seus princípios”. A disciplina TSP II previa o “Estudo dos objetos, métodos, conceitos e aplicações da Psicologia de acordo com as diversas teorias psicológicas contemporâneas” (Estrutura Curricular, 1998).

Segundo Loureiro e Baptista (2007), no epílogo do livro *Historiografia da Psicologia Moderna: versão brasileira*, publicado em 1998, Josef Brozek e Marina Massimi apontam que a “disciplina História da Psicologia não fazia parte dos currículos mínimos dos cursos de graduação em Psicologia” (p. 144). Assim, ainda que não existisse a disciplina História da Psicologia, é interessante ressaltar a existência das disciplinas TSP I e TSP II na Estrutura Curricular de 1998.

Outro ponto a ser considerado, no que diz respeito à essa Estrutura Curricular, é a centralidade das teorias cognitivas da aprendizagem, pois a ementa de TSP I é delimitada em torno delas. O que sinaliza para o predomínio desta perspectiva teórica sobre outras naquele contexto histórico.

Os PPC publicados em 2006, 2013 e 2023, ao tratarem da formação profissional em psicologia, ressaltam bibliografias publicadas nos anos 1990 no campo da história da psicologia. São apontadas publicações de Isaías Pessotti, de Marina Massimi, de Maria Regina Maluf e de Mitsuko Aparecida Makino Antunes. Essas referências bibliográficas, produzidas por pesquisadores/as que estudam a história da psicologia brasileira, sinalizam que essa não pode ser concebida como uma mera reprodução do desenvolvimento da psicologia na Europa ou nos Estados Unidos. Estas obras debatem a construção das ideias psicológicas no Brasil desde o período colonial e da psicologia como ciência e profissão no século XX.

No PPC (2006), concebe-se que a história da psicologia, mais que uma sucessão de escolas, caracteriza-se por complementaridades e por contraposições relativas à visão de ser humano e de mundo. Nesse sentido, critica-se a criação de “feudos epistemológicos” que caracterizam tendências dogmáticas na história da psicologia, pois se entende que essa prática iria de encontro à capacidade crítica de desmistificação do conhecimento.

Apesar desses posicionamentos epistemológicos, cabe-nos observar que a ementa das disciplinas “Psicologia: Ciência e Profissão” e “TSP I”, bem como bibliografias indicadas para subsidiá-las² (ver Quadro 1) apontam para um caminho de apresentação da história da psicologia de maneira sucessiva.

Nas ementas, observa-se noções como “escola”, “sistemas” e “psicologia científica”. Nas bibliografias, temos a indicação de livros publicados nos anos 1960, como o *História da Psicologia Moderna*, de Schultz e Schultz (publicado originalmente em 1969), indicado para aquelas duas disciplinas e para TSP II. Schultz e Schultz (1992) destacam, no prefácio da quinta edição do livro, que o interesse da obra está “na sequência progressiva das ideias formuladas para definir o objeto, os métodos e os objetivos da psicologia” (p. 05). Este livro também é uma referência indicada em outros cursos de psicologia do Brasil, como indicam Flores et al. (2020) ao investigarem a graduação em psicologia no Mato Grosso do Sul.

De acordo com Fierro et al. (2016), até os anos 1970, a historiografia da psicologia demonstrava uma perspectiva acrítica dos sistemas e escolas da psicologia, o que se somava ao predomínio do positivismo lógico como filosofia da psicologia. Entretanto, mesmo reconhecendo o caráter histórico dos sistemas e das escolas de pensamento, o ensino da história da psicologia sob esta perspectiva, recorrendo à metáfora utilizada por Portugal et al. (2018), estrutura-se sob a lógica de um museu clássico.

O que significa dizer: uma história dos grandes nomes (em sua maioria homens e brancos), dos grandes temas, na qual os sistemas psicológicos vão sendo apresentados um a um como quadros pelos quais se passa na galeria de um museu, a qual o estudante percorre olhando para o passado que já se foi (Portugal et al., 2018). Algo comum, segundo os autores, é “que em tais museus não há jamais brasileiros nas paredes e nos pedestais” (p. 14), figurando apenas entre os visitantes que observam a “arte universal”.

No caso da disciplina TSP I, no PPC (2006), essa compreensão histórica é observada por meio do foco da disciplina nos “primeiros sistemas teóricos da Psicologia: o associacionismo, o estruturalismo, o funcionalismo. A Völkerpsychologie de Wundt. A Gestalt” (PPC, 2006, p. 18). Linearidade histórica caracterizada pela compreensão da história da psicologia por meio daquela desenvolvida na Europa e nos Estados Unidos.

Nesse sentido, é importante demarcar o que Grosfoguel (2016) nomeia como privilégio epistêmico de países europeus e dos Estados Unidos no cânone científico. Teorias produzidas por homens destes países alcançam a condição de universal-

² Uma ressalva importante em relação às bibliografias recomendadas para as disciplinas nos PPC é que os/as docentes nem sempre possuem liberdade para a indicação dos textos. Exigências como a obrigatoriedade de disponibilidade das bibliografias na Biblioteca da universidade limitam as indicações dos/as docentes. Este é um ponto importante de se considerar porque sinaliza para a necessidade de refletirmos também sobre a qualidade dos materiais disponíveis nas bibliotecas das universidades.

dade e passamos a reduzir o aprendizado universitário a elas, como se pudessem ser aplicadas a diferentes localizações geográficas. O que reproduz a hierarquia entre centro e periferia na produção do conhecimento (Portugal et al., 2018) e, no campo da história da psicologia, a ideia da existência de uma História Universal da Psicologia (Béria et al., 2022).

No PPC (2013), a concepção da história da psicologia como uma sucessão é observada explicitamente na definição da ementa da disciplina “Filosofia”: “Movimento cronológico na história da psicologia (influências de concepções filosóficas: empirismo, racionalismo, fenomenologia, estruturalismo, apontando teorias e contribuições)” (p. 24). As noções de escola e sistema permanecem na delimitação das ementas das disciplinas “Psicologia: Ciência e Profissão” e “TSP I” (ver Quadro 1).

Nesse PPC, a disciplina TSP II também é delimitada por meio da noção de sistema, diferenciando-se da TSP I em termos cronológicos: enquanto esta discute os primeiros sistemas teóricos surgidos no século XIX, aquela aborda os sistemas teóricos que surgiram nos séculos XX e XXI. O livro de Schultz e Schultz continua indicado como referência bibliográfica para essas disciplinas. Além disso, foi introduzido em ambas as disciplinas o livro “Sistemas e teorias em psicologia”, de Marx e Hillix, que teve sua publicação original em 1963.

Na terceira edição desse livro, publicada em 1973, a psicologia desenvolvida na América Latina é abordada em um apêndice, em conjunto com a construída na África e no Oriente Médio, regiões nomeadas no livro como “em desenvolvimento”. Segundo Marx e Hillix (1973), poucas tentativas de criação de teorias ou sistemas formais existiam nessas regiões, sendo as pesquisas, que eram escassas, orientadas para a resolução de problemas práticos. Diante disso, os autores afirmam que ao invés de analisarem os esforços de criação de teorias, focalizariam as dificuldades para o desenvolvimento da psicologia naquelas regiões. Decisão orientada pela compreensão de que os esforços para criação de teorias “frequentemente são publicados em periódicos de fácil acesso das nações desenvolvidas” (Marx & Hillix, 1973, p. 713).

Este argumento reforça a invisibilidade do que se compreendia como poucas tentativas de criação de teorias e mesmo das pesquisas orientadas para “problemas práticos” produzidas nas três regiões. Posição que se torna legítima somente sob uma formulação historiográfica que reproduz a hierarquia entre centro e periferia (Portugal et al., 2018). Apesar da importância de reflexões sobre os desafios para a produção científica, é significativo que um livro com mais 700 páginas aborde a “psicologia nas nações em desenvolvimento” como um apêndice.

Retomando os PPC de 2006 e 2013, ainda que obras de autores/as brasileiros/as que estudam a história da psicologia sejam apresentadas como referências bibliográficas, as ementas das três disciplinas não abordam a história da psicologia no Brasil. Focalizam “escolas” e “sistemas teóricos” construídos nos séculos XIX,

XX e XXI (ver Quadro 1), mantendo a orientação da disciplina sob a prática do privilégio epistêmico (Grosfoguel, 2016), da hierarquia centro e periferia (Portugal et al., 2018), de uma História Universal da Psicologia (Béria et al., 2022).

Tabela 1

Ementas e bibliografias recomendadas por disciplinas previstas nos Projetos Político-Pedagógicos do Curso de Psicologia da UFAL publicados em 2006 e em 2013

PPC (2006)		PPC (2013)	
Disciplina / Ementa	Bibliografia recomendada	Disciplina / Ementa	Bibliografia recomendada
Psicologia: Ciência e Profissão Ementa: "Relações entre Psicologia e Filosofia. Concepções teóricas e metodológicas predominantes nos princípios da Psicologia científica. Objeto de estudo da Psicologia. O desenvolvimento da psicologia científica. Condições de emergência das diferentes escolas teóricas. Principais áreas de atuação do psicólogo" (p. 18)	Aschar (1994) Figueiredo (1995; 2000; 2001) Massimi (1990) Schultz; Schultz (2000)	Psicologia: Ciência e Profissão Ementa: "A psicologia como ciência: o surgimento do fenômeno psicológico na Era Moderna; as condições socioculturais para o surgimento da psicologia como ciência independente a partir do século XIX; principais escolas e seus objetos de estudo. A psicologia como profissão: o saber/fazer em psicologia; principais áreas e campos de atuação; a diversidade na psicologia" (p. 27)	Figueiredo (1995; 2000; 2001) Jacó-Vilela; Ferreira; Portugal (2007)

Tabela 1

Ementas e bibliografias recomendadas por disciplinas previstas nos Projetos Político-Pedagógicos do Curso de Psicologia da UFAL publicados em 2006 e em 2013

PPC (2006)		PPC (2013)	
Disciplina / Ementa	Bibliografia recomendada	Disciplina / Ementa	Bibliografia recomendada
Teorias e Sistemas Psicológicos I Ementa: "A constituição da psicologia como ciência autônoma. Os primeiros sistemas teóricos da Psicologia: o associaçãoismo, o estruturalismo, o funcionalismo. A Völkerpsychologie de Wundt. A Gestalt" (p. 18)	Figueiredo (1996) Gardner (1995) Penna (1982) Sargent; Stafford (1977) Schultz; Schultz (1994)	Teorias e Sistemas Psicológicos I Ementa: "A constituição da psicologia como ciência autônoma. Os sistemas teóricos da Psicologia que surgiram no século XIX" (p. 27).	Figueiredo (1991) Japiassu (2001) Marx; Hillix (1985) Penna (1991) Schultz; Schultz (1994)
Teorias e Sistemas Psicológicos II Ementa: "Panorama descritivo dos objetos, métodos, conceitos e aplicações da Psicologia de acordo com as diversas teorias psicológicas contemporâneas" (p. 18)	Faar (2001) Figueiredo (1991) Japiassu (2001) Luz; Silva (1994) Schultz; Schultz (1994)	Teorias e Sistemas Psicológicos II Ementa: "Os sistemas teóricos da Psicologia que surgiram nos séculos XX e XXI" (p. 27).	Figueiredo (1991) Marx; Hillix (1985) Penna (1982) Roudinesco (1988) Schultz; Schultz (1994)

Apesar de algumas distinções nas ementas das três disciplinas presentes nos PPC de 2006 e de 2013, a disciplina "TSP I" e "Psicologia: Ciência e Profissão" se confundem, pois esta abrange a ementa daquela em termos teóricos. Elas se distinguem em razão da segunda integrar também o debate sobre a psicologia como profissão (saber/fazer em psicologia; principais áreas e campos de atuação). Ou seja, em "Psicologia: Ciência e Profissão" configura-se uma possibilidade de

articulação entre teoria e atuação. O que parece bastante pertinente, na medida em que se comprehende a emergência e a construção destas duas práticas, científica e profissional, de maneira histórica (Castro et al., 2018). Na disciplina TSP I de ambos os PPC e na disciplina TSP II do PPC (2013), a possibilidade de articulação anterior não é indicada, sendo o foco apenas na apresentação dos “sistemas teóricos”.

No PPC (2023), o Eixo Fundamentos Epistemológicos e Históricos foi reestruturado, não existindo mais as três disciplinas que englobava nos dois PPC anteriores (Psicologia: Ciência e Profissão; TSP I; TSP II). Esse eixo, apesar de ser caracterizado do mesmo modo que nos PPC anteriores, passa a abranger duas novas disciplinas: a) História da Psicologia; b) Introdução ao Pensamento Científico. As ementas destas duas disciplinas não fazem referências às noções de “sistema” e de “escola”, sendo enfatizada a perspectiva da história social da psicologia na primeira, bem como uma articulação entre epistemologia e história na segunda, conforme pode ser observado no Quadro 2.

Tabela 2

Ementa e bibliografias recomendadas por disciplinas previstas no Projeto Político-Pedagógico do Curso de Psicologia da UFAL publicados em 2023

PPC (2023)	
Disciplina / Ementa	Bibliografia recomendada
História da Psicologia Ementa: “História social da psicologia. Problematização histórica das práticas atuais da psicologia” (p. 30).	Degani-Carneiro; Lima; Fukushima; Bastos (2022) Freitas (2008) Jacó-Vilela (2021) Jacó-Vilela; Cerezzo; Rodrigues (2003) Jacó-Vilela; Ferreira; Portugal (2013) Lima; Lino; Cardoso; Marra (2019) Rasera; Pereira; Galindo (2017)
Introdução ao pensamento científico Ementa: “Teoria do conhecimento. Pressupostos históricos e epistemológicos da ciência moderna. Percursos epistemológicos do conhecimento em psicologia” (p. 30)	Alves-Mazzotti; Gewandsznajder (1999) Bachelard (1996) Comte (1983) Descartes (1996) Hessen (2003) Japiassu (1981) Koyré (1982) Santos (2006)

A reestruturação do eixo Fundamentos Epistemológicos e Históricos, infelizmente, foi acompanhada de diminuição da carga horária do curso destinada à discussão sobre a história da psicologia. Enquanto as disciplinas “Psicologia: Ci-

ência e Profissão”, TSP I e TSP II somavam 180 horas, a disciplina “História da Psicologia” possui apenas 72 horas. Como a disciplina “Introdução ao Pensamento Científico” engloba em sua ementa os “Percursos epistemológicos do conhecimento em psicologia”, entende-se que parte dela contemplará o debate sobre a construção e disputas epistemológicas na história da psicologia.

A diminuição da carga horária de disciplinas no processo de reforma curricular que resultou no PPC (2023) não se restringiu apenas ao campo da história da psicologia, também afetou outras disciplinas do curso. A decisão pelos e pelas docentes por essa redução de carga horária de disciplinas foi motivada, principalmente, pela exigência, à época, de inserção no curso de horas destinadas à curricularização de atividades de extensão. Situação também vivenciada em outras universidades do país. O curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por exemplo, também diante daquela exigência, necessitou diminuir a carga horária de algumas disciplinas, não se fazendo possível a manutenção de duas disciplinas obrigatórias de história da psicologia (Jacó-Vilela & Degani-Carneiro, 2024).

Ao considerarmos o contexto da reforma curricular realizada em 2023, portanto, por um lado, deve-se levar em conta a redução da carga horária referente ao ensino da história da psicologia. Por outro lado, é importante salientar que a construção de um PPC implica decisões sobre que formação determinado curso pretende fomentar. Nesse sentido, a mudança de concepção no ensino da história da psicologia é um aspecto a ser ressaltado na organização do curso de psicologia da UFAL.

A decisão pela compreensão da história da psicologia por meio da abordagem da história social da psicologia significou a substituição de uma ementa que fomentava um ensino centrado na delimitação de precursores, de grandes nomes e numa lógica linear da história – caracterizada por um privilégio epistêmico e por uma História Universal da Psicologia, que reproduzia a hierarquia centro-periferia (Grosfoguel, 2016; Portugal et al., 2018; Béria et al., 2022) – pela elaboração de uma disciplina orientada para uma formação crítica. A qual, conforme delineada no início do artigo, possibilita um ensino que tem como base a historicidade, a contingência, a precariedade e a indagação permanente sobre as relações de dominação.

Além disso, ainda que na ementa da disciplina HP não conste história da psicologia no Brasil e que não exista uma disciplina dedicada exclusivamente para esse estudo, o afastamento de uma historiografia fundamentada nas noções de “escola” e de “sistema” amplia as possibilidades de explorar o estudo de temáticas relevantes para o contexto brasileiro e de problematizar as práticas atuais da psicologia no país. Por meio da abordagem da história social da psicologia torna-se possível questionar a compreensão da história da psicologia como “um museu clássico”. E, assim, desarrumar as galerias e produzir novos arranjos no ensino, de maneira que a produção brasileira não seja localizada apenas como figurante sob as luzes da produção europeia e estadunidense.

A ênfase na história social da psicologia também permite concebermos a articulação entre passado e presente não por meio de uma lógica presentista, que se caracteriza por olhar a história a partir de valores e categorias do presente, como se este indicasse uma evolução em relação ao passado, produzindo uma glorificação do presente (Brozek & Guerra, 2008). Lógica esta que geralmente sobrevaloriza os discursos dominantes, ao invés de promover o pensamento crítico e, assim, visibilizar relações de dominação, bem como a diversidade e a complexidade da história (Béria, et al., 2022). A história social da psicologia possibilita-nos compreender a relação entre passado e presente por meio da reflexão sobre os distintos modos que um fenômeno foi construído em contextos diversos, auxiliando-nos a refletir sobre o presente de maneira crítica, compreendendo continuidades e descontinuidades históricas.

A orientação do ensino para uma formação crítica poderá contribuir para fomentar o interesse das e dos estudantes pela disciplina HP, pois permite tratar o passado não como “peça de museu” ou a história como apenas um conjunto de nomes e acontecimentos de outras pessoas. A ênfase na historicidade, na contingência, na precariedade, na reflexividade traz para a cena aquela relação entre presente e passado, vinculando a história da psicologia ao contexto vivido pelos e pelas estudantes e, assim, aguçando o sentimento de pertença à história. O que pode instigar a curiosidade sobre as repercussões dos fazeres e saberes construídos ao longo do tempo pela psicologia na organização da vida social. Bem como, sobre as alternativas ao saber e as práticas dominantes de ontem e de hoje que foram invisibilizadas e que podem contribuir para a construção de outras relações sociais no tempo presente.

Essa compreensão vai ao encontro da proposta de Miranda et al. (2004) de diversificação de matérias e de conteúdos no ensino de história da psicologia, introduzindo, por exemplo, bibliografias e conteúdos referentes a minorias sociais que permitam às e aos estudantes sentirem-se pertencentes à história. Estratégia, segundo os autores, que caminharia em direção a um modo de ensino entendido como atividade construtiva e que tenha por objetivo a transformação do conhecimento. Complementaria dizendo que permitiria a transformação da sociedade ao desconstruir as ideologias sedimentadas na modernidade por meio de uma estrutura epistêmica do mundo moderno construída, segundo Grosfoguel (2016), graças a genocídios e epistemicídios de determinados grupos sociais.

Em coerência com a mudança na concepção de história da psicologia, as bibliografias produzidas originalmente nos anos 1960, elaboradas sob a concepção de “escolas” e de “sistemas”, foram retiradas do PPC (2023), privilegiando obras brasileiras que debatem a história da psicologia a partir de perspectivas críticas e temáticas diversas, considerando problematizações relativas ao contexto histórico do país. O que não significa o abandono da literatura internacional na elaboração da disciplina, mas da escolha dessas em termos de fenômenos que buscamos proble-

matizar a partir da realidade brasileira, sem perder de vista os contextos históricos distintos de produção.

No PPC (2023), assim como nos PPC anteriores, há discussão sobre a história da psicologia e de suas sub-áreas em disciplinas referentes a outros eixos estruturadores da proposta do curso, não ficando o debate restrito às disciplinas do Eixo Fundamentos Epistemológicos e Históricos. Essas disciplinas localizam-se em períodos diferentes do curso, por exemplo: Psicologia Social e Psicologia do Desenvolvimento, no 2º período; Teorias da Subjetividade, no 4º período; Saúde Mental e Psicologia, no 7º período.

A discussão sobre a história da psicologia em disciplinas de outros eixos é importante ao menos por duas razões: a) a disciplina HP encontra-se localizada no primeiro período do curso. Como a reflexão histórica sobre a área é um aspecto central para a formação crítica do estudante, é fundamental que essa esteja presente também ao longo do curso; b) a compreensão crítica a respeito das subáreas da psicologia e de temáticas e práticas relevantes para o campo exige o aprendizado sobre as disputas e problematizações presentes em torno delas ao longo da história.

Teorias e Sistemas Psicológicos I e História da Psicologia: limites e novas possibilidades para a reflexão sobre a história da psicologia

Ao assumir a disciplina TSP I, no segundo semestre letivo de 2016, deparei-me com um plano de curso coerente com o PPC (2013), organizado, principalmente, por meio do uso de capítulos do livro de Schultz e Schultz. Esses capítulos eram usados para a discussão sobre as influências filosóficas e fisiológicas sobre a psicologia, a constituição da psicologia como ciência, os “sistemas teóricos” (estruturalismo, funcionalismo, comportamentalismo, Gestalt, psicanálise).

Nesse momento, pude rememorar minha inserção na história da psicologia na graduação em psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais, iniciada 13 anos antes, em 2003, quando o livro de Schultz e Schultz também foi utilizado, mas também foi possível considerar críticas a esse livro e à perspectiva historiográfica reproduzida nele. Críticas construídas ao longo da minha formação e dos diálogos junto a pesquisadores/as integrantes dos Grupos de Trabalho História da Psicologia e História Social da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), tendo sido membro do segundo GT entre os anos 2016 e 2022.

Desse modo, ainda que reconhecendo o PPC (2013) como orientador para as disciplinas do curso de psicologia, seguindo a ementa da disciplina TSP I, decidi inserir no início do programa do curso reflexões críticas sobre as noções de história e de ciência. O objetivo era problematizar: a) a definição de história, mais especificamente, da história da psicologia como linear e calcada sob uma lógica “universal” e homogeneizante dos sistemas teóricos; b) a concepção da ciência como neutra e

dissociada das suas implicações na ordem social. Para esta unidade da disciplina, ao longo dos anos, utilizei as seguintes bibliografias: Barros (2013); Castro et al. (2011); Cruz (2006); Oliva (2002); Portugal et al. (2018); Santos (2002).

A segunda unidade da disciplina versava sobre a construção das noções de indivíduo e de ciência na modernidade. Nesta unidade, utilizava bibliografias obrigatórias previstas no PPC (2013), mas em conjunto com outras que permitiam estabelecer debates críticos com os e as estudantes. Ao longo dos anos, discuti o conceito de indivíduo na Renascença (Neuser, 2011), a noção de cogito em Descartes (2008), o associacionismo (Marx & Hillix, 2008; Nodari, 1998; Schultz, Schultz, 1992), o debate entre ciências naturais e ciências humanas no século XIX (Álvaro & Garrido, 2006; Jacó-Vilela, et al., 2014) e a crítica ao individualismo possessivo construído na modernidade e suas repercussões para a legitimação de relações de dominação (Miguel, 2017; Pateman, 1993).

Estes debates iniciais sobre as noções de história, ciência e indivíduo objetivavam possibilitar aos e às estudantes categorias conceituais que mediassem uma aproximação crítica deles e delas com discussões sobre a constituição da psicologia como ciência e dos “sistemas teóricos” da psicologia. Incentivava a construção de reflexões sobre os pressupostos teóricos-metodológicos de cada teoria na articulação com o contexto histórico e com suas repercussões políticas.

Coerente com as discussões propostas nas duas unidades anteriores, os textos centrais para o debate sobre os “sistemas” não podiam ser aqueles previstos no PPC (2013). Desse modo, respeitando a ementa da disciplina, discutia os “sistemas teóricos”, mas por meio de textos que permitissem, inclusive, tecer críticas à historiografia presente em livros como os de Schultz e Schultz e Marx e Hillix. Para esta unidade, ao longo dos anos, utilizei as seguintes bibliografias: Araújo & Marcellos (2013); Araújo (2009; 2013); Bertoni & Pinto (2007); Guillaume (2012); Jacó-Vilela et al. (2014).

Em determinados semestres, quando se fazia possível, inseria, ao final da disciplina, breves debates sobre a história da psicologia no Brasil. Nesses momentos, apontava para dois aspectos congruentes com as discussões realizadas na Unidade 1 da disciplina: a) para a ausência desta história no interior da discussão sobre a história da psicologia contada por meio de uma historiografia baseada na apresentação dos “sistemas teóricos” desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos; b) para o equívoco de se compreender a construção da psicologia no país por meio desses “sistemas”. Chamando a atenção para se evitar “ideias fora de lugar” (Castro et al., 2010), e, assim, a armadilha de tomar a psicologia no Brasil como mera decorrência daqueles “sistemas”. Abordava discussões emergentes no Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX (período indicado para a disciplina TSP I), focalizando debates sobre identidade nacional, racismo científico, higiene mental, por meio da seguinte bibliografia: Bomfim (2003); Figueira & Boarini (2014); Martins (2019); Nina Rodrigues (2010); Pinto, (2008); Portugal et al.

(2010); Schucman & Martins (2017). A história da psicologia no Brasil, não incluída na ementa, infelizmente, era possível de ser debatida somente como um “apêndice” na galeria do museu de grandes nomes da história da psicologia “universal”.

De modo geral, entre os anos 2016 e 2023, considerando as limitações da ementa proposta no PPC (2013), a disciplina TSP I foi organizada em torno de três unidades: Unidade 1: Introdução à concepção de história e de ciência; Unidade 2: A constituição da noção de indivíduo e da ciência na modernidade: contribuições para a emergência da psicologia; Unidade 3: A psicologia como ciência autônoma: associacionismo, psicologia experimental/Völkerpsychologie de Wundt, Estruturalismo, Funcionalismo e Gestalt.

A reformulação do PPC, em 2023, possibilitou localizar a discussão sobre a história da psicologia na perspectiva da história social. Tornou-se possível a formulação de um plano de ensino que privilegia a compreensão da ciência como um produto intrinsecamente associado ao seu tempo histórico e a repercussões políticas nesse contexto (Castro et al., 2018; Harris, 2009; Portugal et al., 2018).

Essa reestruturação da concepção sobre a história da psicologia no PPC converge com o que é preconizado nas DCN (2023): 1) em termos do entendimento da ciência como um modo de construção de interpretações da realidade; 2) do reconhecimento da diversidade epistemológica e teórico-metodológica na psicologia; 3) do incentivo à interlocução da psicologia com outros campos de conhecimento para a compreensão da complexidade e da multideterminação do fenômeno psicológico; 4) da importância da compreensão crítica dos fenômenos históricos e da articulação entre o conhecimento científico, a construção de políticas públicas e a promoção de direitos sociais.

O plano de ensino para a disciplina História da Psicologia foi construído por meio do reconhecimento de:

a) que a história da psicologia se caracteriza por uma epistemologia pluralizada, sendo diversa em termos de conceitos, teorias, visões de mundo (Araújo, 2023), podendo um mesmo fenômeno ser compreendido de modos distintos. Não se pretende, dessa maneira, a busca por uma unidade da psicologia, parte-se da compreensão que a ciência é produto histórico. O que nos leva a evitar as ideias “fora do lugar” (Castro et al., 2010) e defender a superação da dicotomia internalismo x externalismo na história da psicologia (Araújo, 2023; Castro et al., 2018);

b) que toda história da psicologia é delineada por escolhas de quem a produz, o que não está ausente também daquilo que se ensina. A seletividade do historiador, segundo Araújo (2023), pode ser observada, ao menos, em dois níveis. Como não há “a” história da psicologia a ser narrada, o historiador necessita realizar um recorte referente ao objeto que será explorado; ao mesmo tempo, esse recorte pode ser compreendido por diferentes perspectivas, sendo exigido do historiador também uma decisão a respeito do referencial de análise. No caso, a decisão na formulação do PPC (2023), conforme já apontado, foi abordar a história da psico-

logia a partir da perspectiva da história social da psicologia (Portugal et al., 2018);

c) que a contingência e a precariedade são constitutivas da ordem social e que a desconstrução das ideologias e a reflexividade são condições para uma compreensão crítica da história da psicologia (Laclau, 2014a, 2014b; Neves & Nogueira, 2005). O que resulta indagar sobre os pressupostos que fundamentam a construção e compreensão da história e seus efeitos nesse processo de conhecimento e na organização social. Indagação orientada para a problematização das relações de dominação legitimadas em determinados contextos históricos. Desse modo, refletir sobre os conhecimentos construídos ao longo da história da psicologia pressupõe também considerar seus efeitos na ordem social, sendo um equívoco a dicotomia entre teoria e prática, ciência e política;

d) que a construção e o ensino da história da psicologia necessitam “desfazer museus” (Portugal et al., 2018). Cabendo, assim, contestar fatos consumados, refletir sobre as condições históricas da produção do conhecimento e problematizar as práticas atuais na confrontação com o passado. Fazendo isso não de maneira presentista, e sim por meio da localização das práticas em seu tempo e contexto histórico específico, considerando continuidades e descontinuidades.

Um limite para o ensino da história da psicologia no curso é a existência de uma única disciplina específica no PPC (2023), a HP. Inúmeras problemáticas atuais demandam reflexões sobre o papel da psicologia e os modos que a área historicamente esteve articulada a elas. A existência de uma única disciplina específica limita o debate a poucas dessas problemáticas na formação em história da psicologia. Felizmente, como apontado anteriormente, ementas de outras disciplinas do curso integram a história de sub-áreas da psicologia, contribuindo para a ampliação das reflexões históricas sobre a área.

Retomando a disciplina HP, é relevante considerar que a disciplina é ofertada para o primeiro período do curso. O que exige um trabalho de inserção inicial dos e das estudantes à historiografia e à psicologia. Assim, uma preocupação importante é com a construção didática das discussões, a fim de fomentar a reflexão junto com eles e elas sobre o caráter histórico da ciência e sobre as repercussões científicas e sociais das perspectivas teóricas que fundamentam historicamente a compreensão do tema estudado durante o semestre.

Considerando os desafios temporais e didáticos, o programa da disciplina História da Psicologia configurado para o semestre letivo 2024-1 (iniciado em julho de 2024³) foi elaborado da seguinte maneira:

a) Debates introdutórios sobre história social da psicologia: apresentar a perspectiva da história social da psicologia, considerando discussões sobre internalismo e externalismo, centro e periferia, ciência e política, presentismo;

b) Problematisação histórica das práticas atuais da psicologia. Para o semes-

³ Em razão de atrasos no calendário da UFAL, o primeiro semestre letivo de 2024 iniciou em julho de 2024.

tre letivo 2024-1, escolhemos debater estas práticas em torno do foco na temática sujeitos coletivos e mobilizações sociais. A polarização política construída no Brasil nos últimos anos, caracterizada pela emergência de sujeitos coletivos que se mobilizam com fins a defender a ampliação de direitos democráticos e outros a demandar a legitimação e aprofundamento de desigualdades sociais, coloca-nos a refletir sobre os modos em que sujeitos coletivos e mobilizações sociais têm sido e foram compreendidos na história da psicologia e em sua articulação com outras áreas. Neste semestre, abordaremos esse tema por meio da discussão de perspectivas teóricas diversas, considerando seus pressupostos teóricos, o contexto histórico de produção e suas repercussões para a configuração da ordem social no que se refere as relações de dominação presentes naquele contexto.

Dessa maneira, busca-se explicitar o caráter contextual e histórico da ciência, as distintas compreensões do fenômeno na psicologia e na articulação desta com áreas afins. Espera-se possibilitar que o e a estudante conceba a ciência, como parte da cultura e, assim, como um modo de interpretação da realidade por meio de determinados pressupostos presentes no contexto histórico de produção. Como tal, a história da psicologia também não é a revelação de um dado, mas uma forma de problematização sobre um fenômeno caracterizada por determinados escolhas teórico-metodológicas em um contexto histórico específico (Harris, 2009).

c) Desenvolvimento de uma revisão integrativa da literatura por parte das e dos estudantes ao longo do semestre. O objetivo dessa atividade é que, considerando as discussões sobre história social da psicologia, as e os estudantes construam uma reflexão sobre como uma temática de interesse deles e delas foi investigada na história da psicologia brasileira. Com essa atividade as e os estudantes não só aprendem a construir um levantamento bibliográfico em base de dados científicas (como o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES) e a produzir uma revisão da literatura, como também se fomenta o reconhecimento da importância da reflexão histórica para a compreensão crítica do tempo presente e do contexto vivido por eles. Além disso, amplia-se o número de temáticas estudadas durante o semestre letivo.

Essa estruturação da disciplina HP foi realizada levando-se em conta também que a disciplina “Introdução ao pensamento científico” focaliza os pressupostos históricos e epistemológicos da ciência moderna e a pluralidade epistemológica do conhecimento em psicologia. Essa disciplina complementa, desse modo, a disciplina HP no que se refere aos modos de se conceber a ciência e suas diferentes concepções na configuração da psicologia.

Considerações finais

O ensino da história da psicologia no curso de graduação em psicologia coloca debates importantes sobre os modos de compreensão dessa história, os quais produzem efeitos em relação ao lugar ocupado pela psicologia brasileira e à recepção

das discussões pelos estudantes. Iniciamos este artigo chamando atenção para o questionamento de estudantes ao longo da minha trajetória docente na disciplina TSPI do curso de psicologia da UFAL. Depois discorremos sobre os caminhos percorridos na organização e ensino de disciplinas relacionadas à história da psicologia no curso, considerando os PPC publicados desde 1998 e minha experiência docente entre os anos 2016 e 2024.

Ao retomarmos as perguntas construídas por estudantes no decorrer da experiência docente na disciplina TSP I – Para que estudar algo que foi debatido há um, dois, três séculos atrás? Que importância isso terá para meu fazer em psicologia? Quando vamos começar a discutir psicologia? – saliento que a maioria deles e delas, em razão das reflexões realizadas ao longo do curso, ao final da disciplina relatavam a relevância das discussões.

Essa mudança de compreensão das e dos estudantes sobre o ensino de história da psicologia foi possível mesmo diante das limitações da disciplina TSPI. Entendo que a mudança produzida no PPC publicado em 2023, que significou a criação da disciplina HP, fundamentada na abordagem da história social da psicologia, conforme indicamos ao longo do artigo, possibilitará ampliar as condições para fomentar o interesse das e dos estudantes pela história da psicologia.

O ensino da história da psicologia a partir do PPC (2023), possibilitará às e aos estudantes construírem uma nova compreensão entre passado e presente. Ao partirmos de temas que interpelam o presente, a fim de entendermos os saberes e práticas da psicologia referentes a estes temas ao longo da história da área, em articulação com áreas afins, será possível aos estudantes conceberem o que foi estudado décadas e séculos atrás não como uma “peça de museu”, mas como uma história vinculada ao contexto vivido por eles e elas.

Conceber a história da psicologia não por meio de um “museu clássico”, mas pela problematização de construções ideológicas que repercutem nos modos de construção do conhecimento e de organização da vida social, fomentará outra experiência em relação à disciplina HP e à área. Distintamente da memorização de precursores, de datas e de acontecimentos distanciados do contexto vivido pelos e pelas estudantes, a abordagem da história social da psicologia possibilitará compreender a importância da reflexão histórica para uma prática psicológica no presente orientada para a problematização de relações de dominação. Também contribuirá para o questionamento da hierarquia centro-periferia, enfatizando a contextualização das produções e a relevância de se investigar a história da psicologia brasileira.

Os e as estudantes ao realizarem, desde o início do curso, uma revisão da literatura sobre como uma problemática do presente, de interesse deles, foi tratada na história da psicologia brasileira, poderão reconhecer que ao estudarem essa história estão estudando psicologia. Ademais, como não se trata mais do ensino sobre a História Universal da Psicologia, e sim orientado para uma formação crítica, as e os estudantes poderão compreender: a) que um mesmo fenômeno foi e pode ser

construído de modos diversos na psicologia, afastando-os da ideia de uma unidade da psicologia; b) e a articulação entre concepções teórico-metodológicas e implicações éticas e políticas dos fazeres e saberes psicológicos na organização da vida social. O que poderá estimular a reflexividade sobre a formação e também sobre as práticas profissionais em psicologia que pretendem construir.

O fortalecimento da história da psicologia nos cursos de graduação em psicologia será possível a partir das reconfigurações que produzimos no nosso tempo sob os desafios que este nos coloca. Concebo que não será reproduzindo propostas historiográficas estabelecidas em bibliografias como Schultz e Schultz (1992), ainda recorrente nos cursos de graduação, que seremos capazes de construir um futuro promissor para a área. Que essas propostas nos sirvam para problematizar seus limites e repercussões na formação e para inventarmos outras formas mais interessantes e críticas para o nosso fazer nos cursos de psicologia.

Referências

- Álvaro, J. L., & Garrido. A. (2006). As origens do pensamento psicossociológico na segunda metade do século XIX. In J. L. Álvaro, & A. Garrido. *Psicologia Social – perspectivas psicológicas e sociológicas* (pp. 13-25). McGraw-Hill.
- Araújo, S. F., & Marcellos, C. F. (2013). Ciência, psicologia e filosofia no estruturalismo de Edward Titchener. In S. F. Araújo (Org.). *Ecos do passado: Estudos de História e Filosofia da Psicologia* (pp. 155-176). Editora UFJF.
- Araújo, S. F. (2009). Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. *Scientile Studia*, 7(2), 209-220. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200003>
- Araújo, S. F. (2013). O Manifesto dos filósofos alemães contra a psicologia experimental: introdução, tradução e comentários. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(1), 298-311. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/7937/5730>
- Araújo, S. F. (2023). Pluralismo, intertextualidade e seletividade: perspectivas para uma historiografia crítica da psicologia. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(1), 8-15. <https://doi.org/10.18761/JADA0330017>
- Barros, J. D. (2013). A crítica à noção mecanicista de Progresso e à linearidade histórica. In J. D. Barros. *Teoria da História* (Vol. III. Os paradigmas revolucionários) (pp. 253-268). Vozes.
- Béria, J. S., Polanco, F. A., Miranda, R. L., & Cotrín, J. D. (2022) Reflexiones éticas sobre la elección de tema, metodología y presentación de resultados de la investigación en historia de la psicología. *Rev. Psicol.*, 12(2), 155-175. <https://doi.org/10.36901/psicologia.v12i2.1576>

Bertoni, P. G., & Pinto, D. C. M. (2007). Mudança e continuidade: a formulação jamesiana do pensamento como um fluxo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 205-211. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200005>

Bomfim, E. M. (2003). Os precursores da psicologia social no Brasil. In E. M. Bomfim. *Psicologia Social no Brasil* (pp. 15-28). Edições do Campo Social.

Brasil. (2023). Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2023-pdf/252621-rces001-23/file>

Brozek, J., & Guerra, E. (2008). Que fazem os historiógrafos? Uma leitura de Josef Brožek. In R. H. Freitas (Org). *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* (pp. 4-20). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Castro, A. C., Portugal, F. T., & Jacó-Vilela, A. M. (2010). História da psicologia em combustão: uma crítica bakhtiniana às apropriações historiográficas no Brasil. *Memorandum*, 18, 95-106. Recuperado em 15 de julho de 2024 de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6642>

Castro, A. C., Portugal F. T., & Jacó-Vilela, A. M. (2011). Proposição bakhtiniana para análise da produção em psicologia. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 91-99. em 15 de julho de 2024 de <https://www.scielo.br/j/pe/a/FHchs93Xq4Rb9KGK9cLsdqQ/?lang=pt>

Castro, A. C., Portugal, F. T., & Facchinetti, C. (2018). Ver a História na Psicologia ou a Psicologia na História? In F. T. Portugal, C. Facchinetti, & A. C. Castro. *História Social da Psicologia* (pp. 23-41). Nau.

Cruz, R. N. (2006). História e historiografia da ciência: considerações para a pesquisa histórica em análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, VIII(2), 161-178. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.98>

Descartes, R. (2008). *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Campinas: Editora Unicamp.

Fierro, C., Bruna, O., & Brisuela, L. (2016). Sistemas psicológicos: un marco de análisis desde la sistematología, la theoretical psychology y la epistemología de la psicología. *Interacciones*, 2(2), 147-169. <https://doi.org/10.24016/2016.v2n2.37>

Figueira, F. F., & Boarini, M. L. (2014). Psicología e higiene mental en Brasil: la historia por contar. *Universitas Psychologica*, 13, 1697-1708. <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.upsy13-5.phmb>

Flores, F. M. H., Rodrigues, B. S., Sales, A. C., Edges, F. H. N., Miranda, R. L., & Branco, P. C. C. (2020). Reflexões sobre a disciplina de história da psicologia

no estado do Mato Grosso do Sul. *Psicologia da Educação*, 51, 22-30. <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2020i51%EF%BFp22-30>

Grosfoguel, R.. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemócídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31(1), 25–49. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>

Guillaume, P. (2012). As origens da ideia da forma. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 107-113. Recuperado em 15 de julho de 2024, de <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a14.pdf>

Harris, B. (2009). What critical psychologist should know about the history of psychology? In Fox, D., Prilleltensky, I., Austin, S. (Orgs.). *Critical psychology: an introduction* (pp. 20-35). Sage.

Jacó-Vilela, A. M., & Degani-Carneiro, F. (2024). Clio e Psyché vão à sala de aula: o ensino de história da psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. In Batista, L. L. R. & Lhullier, C. Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro (pp. 76-107). Editora do Portal História da Psicologia.

Jacó-Vilela, A. M., Ferreira, A. A. L., & Portugal, F. T (2014). *História da Psicologia: rumos e percursos*. Nau Editora.

Laclau, E. (2014a). Muerte y resurrección de la teoría de la ideología. In E. Laclau. Los fundamentos retóricos de la sociedad (pp. 21-50). Fondo de Cultura Económica.

Laclau, E. (2014b). Antagonismo, subjetividad y política. In E. Laclau. Los fundamentos retóricos de la sociedad (pp. 127-153). Fondo de Cultura Económica.

Loureiro, R. B. I., & Baptista, M. (2007). A história da psicologia como disciplina de mestrado. Relato de uma experiência. *Memorandum*, 12, 143-151. Recuperado em 15 de julho de 2024, de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6716>

Martins, H. V. (2019). Psicologia, colonialismo e ideias raciais: uma breve análise. *Revista Psicologia Política*, 19(44), 50-64. Recuperado em 15 de julho de 2024, de <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v19n44/v19n44a07.pdf>

Marx, M. H., & Hillix, W. A. (1973). *Sistemas e teorias em psicologia*. Cultrix.

Marx, M. H., & Hillix, W. A. (2008). Associacionismo. In M. H., Marx, & W. A., Hillix, *Sistemas e teorias em psicologia* (pp- 123-152). Cultrix.

Miguel, L. F. (2017). Carole Pateman e a crítica feminista do contrato. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(93), e329303. <https://doi.org/10.17666/329303/2017>

- Miranda, R. L., Ramires, G. S., Rodrigues, I. E., & Herrero, L. A. (2024). Relato de experiência sobre o ensino de História da Psicologia. In Batista, L. L. R.; Lhullier, C. Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro (pp. 145-173). Editora do Portal História da Psicologia.
- Neuser, W. (2011). A formação e o conceito de indivíduo na Renascença. *Educação, 34*(1), 25-32. Recuperado em 15 de julho de 2024, de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8666>
- Neves, S., & Nogueira, C. (2005). Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. *Psicologia: Reflexão & Crítica, 18*(3), 408-412. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300015>
- Nina Rodrigues, R. (2010). *Os africanos no Brasil*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Nodari, P. C. (1998). A emergência do individualismo moderno no pensamento de John Locke [Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório da UFMG <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9WFJXN>
- Oliva, A. (2002). Kuhn: o normal e o revolucionário na reprodução da racionalidade científica. In V. Portocarrero (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas* (pp.67-102). Fiocruz.
- Pateman, C. (1993). O contrato, o indivíduo e a escravidão. In C. Pateman. *O contrato sexual* (pp. 66-119). Paz e Terra.
- Pinto, A. F. M. (2008). Democracia racial em nome do progresso da pátria: jornais negros na São Paulo do fim do século XIX. *Em Tempo De Histórias, 13*, 17-40. <https://doi.org/10.26512/emtempos.v0i13.20026>
- Portugal, F. T., Facchinetti, C., & Castro, A. C. (2018). Por que fazer uma história social da psicologia? In F.T. Portugal; C, Facchinetti, & A.C. Castro. *História Social da Psicologia* (pp. 11-21). Nau.
- Portugal, F. T., Jacó-Vilela, A. M., & Monteiro, D. B. R. (2010). Dominação, história e evolucionismo na América Latina: a perspectiva de Manoel Bomfim. *Psico, 41*(3), 325-331. Recuperado em 15 de julho de 2024, de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6613>
- Resolução CNE/CES Nº 1, de 11 de outubro de 2023 (2023). Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/ces-n-1-de-11-de-outubro-de-2023-518120795>
- Santos, B. S. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das

emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280. <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>

Schucman, L. V., & Martins, H. V. (2017). A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(esp.), 172-185. <https://doi.org/10.1590/1982-3703130002017>

Schultz, D. P., & Schultz. S. E. (1992). *História da Psicologia Moderna*. Cultrix.

Universidade Federal de Alagoas (1998). Estrutura Curricular do Curso de Psicologia. <https://ip.ufal.br/pt-br/graduacao/psicologia/documentos/ppc/ppc-1998/view>

Universidade Federal de Alagoas (2006). Projeto Político-Pedagógico do Curso de Psicologia. <https://ip.ufal.br/pt-br/graduacao/psicologia/documentos/ppc/ppc-2006/view>

Universidade Federal de Alagoas (2013). Projeto Político-Pedagógico do Curso de Psicologia. <https://ip.ufal.br/pt-br/graduacao/psicologia/documentos/ppc/projeto-pedagogico/view>

Universidade Federal de Alagoas (2023). Projeto Político-Pedagógico do Curso de Psicologia. https://ip.ufal.br/pt-br/graduacao/psicologia/documentos/ppc/2023/ppc_-curso-de-psicologia_ip_2023.pdf/view

Nota sobre o autor:

Frederico Alves Costa é doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: fredericoalvescosta@gmail.com

Data de submissão: 17.07.2024

Data de aceite: 01.08.2024